



## O RESGATE DAS CORES VIVAS DA COMUNIDADE POR MEIO DA ARTE

O artista plástico **Ricardo Negro** concedeu uma entrevista à **Lumen et Virtus** para falar a respeito de sua obra e da importância de romper paradigmas por meio da Arte

Com obras expostas no Brasil e no exterior, o artista plástico Ricardo Negro destaca-se por desconstruir a imagem negativa da vida nas comunidades, ao retratá-la de forma alegre e contagiante por meio do grafite.

Morador do Grajaú desde pequeno, bairro periférico da Zona Sul de São Paulo, o jovem artista plástico Ricardo Alves da Silva Miranda, cujo nome artístico é Ricardo Negro, tornou-se conhecido nacional e internacionalmente, graças a um olhar diferenciado para a vida das comunidades do Brasil, expresso por meio do grafite. Após percorrer comunidades paulistanas e de outras regiões brasileiras, passou a dedicar-se, exclusivamente, a pinturas que retratassem o cotidiano desses lugares.

Com a predominância de cores quentes, suas obras retratam as alegrias e a vivacidade dos moradores que, em meio às lutas diárias, não deixam de estampar um sorriso no rosto e de ajudar quem precisa, independentemente de suas condições, muitas vezes, precárias. Um dos destaques, em diversos de seus trabalhos, são as famosas casinhas coloridas, que resgatam o lado positivo das favelas, desconstruindo, por meio da arte, a visão tão negativa atribuída a elas.

A singularidade destas imagens chamou a atenção não somente no Brasil, como no cenário externo, justamente por apresentar uma nova construção imagética aos estrangeiros, que possuíam uma imagem das comunidades atrelada, unicamente, ao tráfico drogas, à violência e à bandidagem.



Ao mostrar esse outro lado por meio de suas pinturas, o jovem artista conta que não pretende ignorar a precariedade de quem vive na favela, mas chamar a atenção para outros fatores ocultos pela mídia e por olhares preconceituosos. Trata-se de sonhos, lutas e persistências de um povo que serve de exemplo para muitos, por ter de batalhar múltiplas vezes mais, dadas as condições em que vivem.

Ao expor em galerias do Brasil e do exterior, Negro levou a vivacidade das comunidades para aqueles que nunca pisaram numa favela e puderam, assim, desconstruir preconceitos e concepções imagéticas consolidadas. O artista conquistou e vem conquistando importantes parcerias. Somente no ano de 2016, ele pintou dois murais para o Centro Educacional Infantil Luz e Lápis, projeto da empresa AES Eletropaulo, e teve três de suas pinturas estampadas nos chinelos Havaianas, marca da renomada empresa Alpargatas.

Além de levar a alegria da periferia para quem não é do local, Negro tem outra preocupação: levar o acesso à arte para aqueles que mal têm a oportunidade de estar em contato com ela. No momento, ele está produzindo pinturas que sejam mais acessíveis para que aqueles que não possuem condições de comprar um de seus trabalhos, possam fazê-lo.

Numa conversa com a jornalista Mariana Mascarenhas, Negro contou um pouco de sua trajetória artística, das dificuldades enfrentadas, das experiências vividas nas comunidades por onde passou e como resolveu transformá-las em Arte. Confira a entrevista na íntegra:

## **LV – Como foi o seu primeiro contato com o grafite?**

RN – Eu comecei a pintar já por meio do grafite. Meu interesse inicial pela pintura se deu graças ao meu pai, que trabalhou como fotógrafo por muitos anos. Ele não era fotógrafo profissional, mas tirava várias fotos. Nascido na Bahia, ele veio para a cidade de São Paulo procurar emprego. Após trabalhar em alguns lugares, fez um curso de Fotografia de um dia, em que aprendeu a manusear a câmera e fazer o processo de revelação. Então começou a tirar várias fotos, trabalhando com isso por dez anos. Ele possuía muito material em casa: monóculo, foto, câmera, aquele *flash* antigo. Tudo aquilo me despertava um interesse, de forma até mesmo inocente. Eu gostava de manusear os monóculos e observar as pessoas por



meio deles. Em seguida passei a observar as pichações na rua, tentando decifrá-las e pensando nos motivos que levavam os artistas a criá-las. Depois veio o interesse pelo grafite.

A minha primeira experiência com o grafite foi juntamente com o meu irmão. Ele pintava com um amigo e me chamou também. Pintamos um muro, no Jardim Eliana, bairro localizado no distrito do Grajaú, na Zona Sul de São Paulo. Fizemos o trabalho rapidamente, com medo de sermos pegos pela polícia ou pelo proprietário do imóvel. Aquilo tudo chamou a minha atenção. Depois meu irmão parou de pintar e eu continuei com alguns amigos, mas não numa frequência grande. Aos 15 anos comecei a fazer mais pinturas, com vários outros garotos, até que passei a assinar o meu nome nos desenhos e, a partir daí, foi surgindo o interesse, cada vez maior, pelo grafite. Paralelamente, eu cursava administração para entrar no mercado formal de trabalho.

## **LV – A partir desse primeiro contato com o grafite, você imaginava que poderia seguir a carreira artística?**

RN – Não. Eu só passei a ver a Arte como algo sério, quando eu me formei e senti que não me encaixava numa categoria formal de trabalho. Então comecei a me questionar sobre o que faria na vida. Na época, eu participei do Programa Escola da Família<sup>1</sup>, juntamente com um amigo, que me cadastrou como voluntário. Fiquei sabendo sobre a possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos numa faculdade pelo Programa e me interessei muito, pois mal sabia como ingressar numa instituição acadêmica. Eu estava com 17 anos e pensei em cursar Artes para dar aulas; pois, até então, não pensava em ser artista. Então entrei na faculdade.

## **LV – O contato com a Arte ampliou a sua visão de mundo? Como isso ocorreu?**

RN – Com certeza. Eu sempre morei no distrito do Grajaú, região periférica de São Paulo. Vim de uma realidade difícil de pessoa simples da periferia, com seus problemas familiares,

---

<sup>1</sup> O Programa Escola da Família foi criado no dia 23 de agosto de 2003 pela Secretaria de Estado da Educação. Ele proporciona a abertura de escolas da Rede Estadual de Ensino, aos finais de semana, com o objetivo de criar uma cultura de paz, despertar potencialidades e ampliar os horizontes culturais de seus participantes. Reunindo profissionais da Educação, voluntários e universitários, o Programa oferece às comunidades paulistas atividades que possam contribuir para a inclusão social. (Fonte: <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/default.html>)



entre outras questões. A Arte, de certa forma, foi um alento para mim; pois, em muitos momentos em que eu podia estar envolvido com coisas erradas, ela me proporcionou outros caminhos e uma perspectiva diferente do mundo: pude conversar com pessoas diferentes sobre assuntos diferenciados. Eu frequentava as ruas, mas de uma forma diversa. Não deixava de correr riscos também, como o de ser pego pela polícia por estar grafitando, mas eu gostava daquilo. Foi esse contato com o grafite que me despertou o interesse pela faculdade. Foi justamente nela que eu passei a valorizar melhor a Arte, pois, até então, não tinha uma noção do real tamanho do universo artístico. A própria defasagem escolar dificulta essa valorização. A noção que eu tinha de Arte era muito primitiva. Não tinha compreensão de como fazer uma pintura numa tela, por exemplo.

Eu me lembro quando o professor pediu os materiais, na minha primeira aula de pintura, e eu mal sabia o que era um tubo de tinta acrílica, pois nunca tinha visto um antes. E no mundo acadêmico fui descobrindo como era possível viver por meio da Arte, como é o caso de vários artistas, que havia um movimento artístico na história, que era possível viver daquilo que eu gostava de fazer, entre outras questões. Foi um processo difícil; pois, no começo, eu não possuía uma bolsa universitária. Eu trabalhava como atendente de telemarketing para pagar meus estudos. Só para chegar ao centro de ônibus, eu levava, aproximadamente, duas horas. Acordava às 5h da manhã e chegava em casa à meia noite. Várias vezes pensei em desistir.

Nessas situações, percebemos as diferenças gritantes entre quem vive nos extremos da cidade e quem vive no centro, por exemplo, e diz que não é privilegiado. É privilegiado sim, pois está perto de metrô e com acesso a vários lugares inexistentes na periferia. É o caso da própria arte, por exemplo. Repare na quantidade de Museus localizados somente na Avenida Paulista e proximidades, e quantos existem nas regiões periféricas compostas por populações gigantescas. Eu mesmo só consegui ir ao MASP, pela primeira vez, quando tinha 19 anos de idade. Então, tudo isso foi mexendo comigo. Comecei a dar aula de Artes e, após um ano e meio cursando a faculdade, eu consegui a bolsa de estudos pelo Programa Escola da Família, graças àquele amigo que havia me cadastrado como voluntário e me explicou como eu deveria fazer para conseguir a bolsa. Devido ao grande número de universitários, a concessão de bolsas havia cessado por um tempo, até que surgiram vagas novamente e eu fui um dos primeiros, da minha sala, a conseguir preenchê-la.



Como eu não precisava mais trabalhar para bancar meus estudos, pedi demissão do meu emprego e comecei a dar aulas de arte numa ONG, graças à indicação de uma amiga. Gostei da experiência, mas o que eu queria mesmo era poder me dedicar mais à pintura. Eu já pintava, mas, após onze meses na ONG, eu havia juntado um dinheiro e decidi me desligar dela. Nesse período eu estava no segundo ano da faculdade, comprei uns materiais e me dediquei, exclusivamente, à pintura. Vi que era aquilo que queria, mas ainda não entendia muito bem como funcionava o mercado de Arte.

Eu fui conduzindo o processo do meu jeito. Comecei a preparar exposição, aprendendo como era a venda de obras, o que era barato e o que era caro. No entanto, eu não vendia muito e então comecei a dar aulas em outra ONG. Num determinado período tive que dar aulas em duas ONGS, com várias unidades. Cheguei a trabalhar em quatro escolas, todos os dias da semana.



**Figura 1**

Estudo casas

Para montar as primeiras exposições, eu organizava tudo e depois chamava as pessoas. Ninguém me convidava. Então comecei a receber orientações sobre o que faltava, o que

---



precisava ser melhorado; comecei a frequentar museus para aprender algumas questões. Continuei dando aulas e consegui juntar dinheiro para coisas básicas: comprei um carro, pagava as contas em casa etc., mas não foi um processo fácil. Quando contamos depois, tudo parece muito poético, mas a realidade é bem diferente.

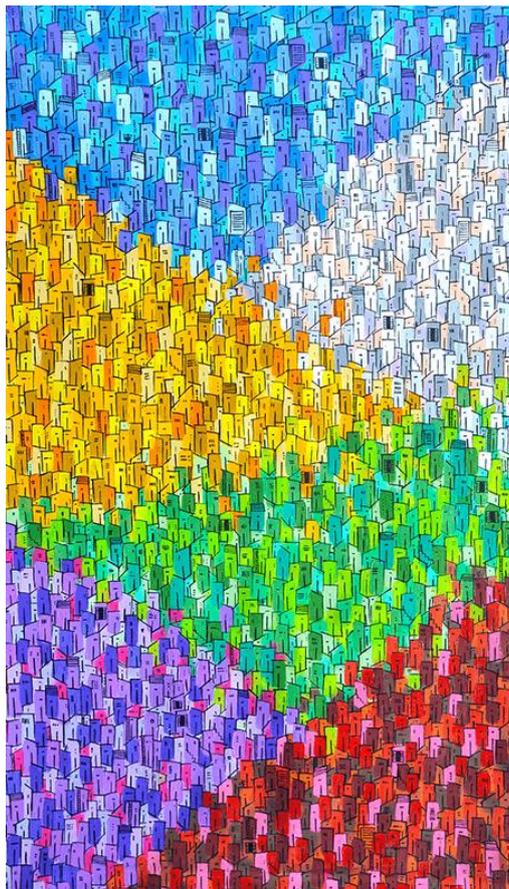


Figura 2  
Casas coloridas

**LV – Na sua opinião, as pessoas procuram romantizar o sofrimento de personalidades que, assim como você, tiveram uma trajetória difícil? Especialmente no mundo da Arte?**

RN – Sim. É muito poético dizer que eu me inspirei no trabalho do meu pai e, a partir de então, comecei a pintar. Foram várias as dificuldades enfrentadas: cresci na periferia, com taxas de mortalidade altíssimas, desigualdade escolar, dificuldades financeiras etc. Desde criança eu não estava habituado a conhecer novos lugares. Assim, cada novo lugar que



visitava era um grande aprendizado para mim. Fui aprendendo muito, comecei a pintar mais, a vender mais e a me tornar mais conhecido no mercado, depois já me formei.



Figura 3  
Periferia

**LV – Algumas características presentes em muitas de suas obras e de grande destaque são as casinhas coloridas, como representação imagética das comunidades do Brasil. Como foi desenvolver esse trabalho?**

RN – A ideia das casinhas coloridas surgiu nesse momento em que comecei a vender mais telas. Foi algo muito intuitivo. Simplesmente pensei que gostaria de pintar as casinhas, mas sem focar somente nelas. A ideia nasceu num concurso de pintura da faculdade para pequenos formandos. Uma amiga minha chamada Raquel viu a minha dificuldade quanto à aquisição de materiais e me presenteou com três telas, para que eu as pintasse e participasse do concurso. Assim que comecei a pintá-las, me deu vontade de pintar mais, até que desejei montar uma exposição a respeito. Agora estou me desvinculando um pouco delas, pois estou pintando outros trabalhos.

Mas eu diria que elas são o **carro-chefe** das minhas obras. Embora elas sejam simples, o processo de criação foi complexo, pois eu tive que pintar muitas telas até descobrir



que os traços da casa são da forma que criei. Um aspecto muito importante é a cor, que caracteriza cinquenta por cento do meu trabalho, a outra metade é caracterizada pelos desenhos, que são traços que eu mesmo desenvolvi de uma forma muito simples, baseado nas vivências e nas referências que eu tenho.

Ao longo do processo eu fui descobrindo a relevância da cor em minhas obras. Um exemplo: de que forma eu poderia representar a felicidade das pessoas ao pintar as casinhas? Ao me questionar a respeito, a resposta que eu encontrei foi colori-las. Talvez esse seja um sonho para o futuro: ver as casas da periferia coloridas. Então, ao longo do processo, aconteceu a descoberta das cores quentes, de como trabalhá-las e misturá-las. Nesse período em que eu pintava as casinhas, também pintava personagens, influenciados pelo grafite que criava na rua.

## **LV – Em que ou em quem você se baseou para a criação das personagens?**

RN – A maioria dos personagens partiram de minhas memórias ou de algumas cenas que vi enquanto andava pelas ruas. Um dos exemplos é a tela de um menino soltando pipa perto de um lixão, baseada numa cena que eu presenciei e ficou marcada em minha memória. Outras obras são de lembranças da minha infância, como a tela de um menino brincando com um pião, algo que fiz muito quando era criança. Então são vários exemplos de pessoas e situações com que me deparo, ficam gravadas no consciente e acabam se transformando em Arte.

Mas, no momento em que estou agora, tenho explorado outras vertentes. Pintei a imagem de uma santa, por exemplo, algo que não havia feito antes. Como havia dito, estou me desvinculando um pouco da pintura de casinhas e dando foco a outros temas. Elas continuarão presentes em meus trabalhos, porém de forma mais sutil e não como tema principal. Estou num momento de transição. Há um ano venho me dedicado a outras pinturas artísticas que serão lançadas a preços bem mais acessíveis porque são desenhos. É uma forma de atingir o público que não tem, por exemplo, mil ou dois mil reais para adquirir uma tela, mas tem cem ou duzentos reais para comprar um desenho. Esta foi a forma que eu encontrei de atingir essas pessoas. Futuramente, por exemplo, também pretendo lançar um livro infanto-juvenil, assim que tiver mais tempo.



**LV – A sua arte sempre esteve voltada para todos os públicos?**

RN – Sim, é uma preocupação pessoal que eu tenho quanto o acesso à arte. Quando eu comecei a expor na galeria, me questionava sobre como uma pessoa da minha região poderia ter condições para comprar uma tela de dez mil reais, por exemplo, condição que eu também não tenho. É algo meio antagônico. Essa situação começou a me incomodar muito, então eu fui pensando em estratégias de alcançar essas pessoas que são de onde eu sou, sem parar de vender meus trabalhos também. Então, hoje a minha meta não é procurar colecionador para vender meus trabalhos por dez ou quinze mil, minha meta é atingir as pessoas simples, porque eu tenho outros projetos grandes que garantem o meu sustento.



**Figura 4**  
Férias de Criança



**LV – A acessibilidade da Arte é muito defendida, mas e quanto à aquisição das obras, por exemplo, qual é a sua opinião?**

RN – Essa questão configura-se um problema, pois há vários artistas que falam em acessibilidade, mas onde está o acesso a todos quando vendem somente telas por dez mil reais ou mais? Por isso fiquei um tempo pensando em como alcançar as pessoas que eu quero alcançar. Quando eu estava na galeria, noventa e cinco por cento dos trabalhos foi vendido para estrangeiros. Então comecei a entrar em conflito comigo mesmo. Quando a galeria em que eu atuava fechou, muitas pessoas me aconselharam a entrar em outra galeria, mas eu não quis. No entanto, essa é uma opção neste momento, pois eu não quero deixar de trabalhar com galeria, quero fazer uma exposição grande e vender telas, mas esse não é o meu objetivo principal, é necessário porque preciso estar no mercado.



**Figura 5**  
Lembranças

**LV – Poderia contar um pouco sobre sua experiência nas comunidades do Rio?**

RN – Nesse período que comecei a pintar as casinhas, fui com um amigo ao Rio de Janeiro. Eu sonhava em conhecer a cidade. Tinha uns 19 anos na época. Ao chegar lá, eu amei o lugar. Então voltei, comprei uma câmera e retornei ao Rio para fotografar as comunidades. Fui ao Morro do Bumba, à Favela da Rocinha, que ainda não era pacificada na época, conheci



várias pessoas e fotografei diversos lugares ainda não pacificados. Mas percebi um preconceito muito grande em relação à imagem das comunidades.



Figura 6

Jogando Bolinhas de Gude

**LV – Ainda existe uma imagem muito negativa da periferia de modo geral? É difícil fazer essa desconstrução?**

RN – Sim. Eu tenho essa consciência que há um preconceito muito grande, pois eu venho da periferia. Durante minha viagem ao Rio, por exemplo, eu andei pelas comunidades, estava com dinheiro e ninguém me fez nada de mal, muito pelo contrário, eu ganhei dinheiro de pessoas simples, que pediam para eu fazer um desenho na casa delas. Até uma moto para me levar ao hotel, as pessoas que eu conheci na Cidade de Deus me disponibilizaram. Nunca havia ido lá. Assim que cheguei, pedi um muro e comecei a grafitar. Enquanto isso, chegou uma pessoa e começou a conversar. O grafite funciona como essa porta de entrada para conhecer a comunidade. Essa era a minha estratégia, pois eu sabia que, assim que começasse a pintar, alguém chegaria para conversar, pois é assim em São Paulo, na Bahia, no Rio, em Londres, enfim, em todo o lugar. Conheci muitas pessoas que foram me apresentando os lugares. Fui fotografando meus trabalhos e voltei com várias imagens.



Nessa época, uma amiga que trabalha no ateliê de um artista chamado Neno Ramos, já consolidado no mercado, pegou as fotos dos meus trabalhos e as apresentou a ele. Eu estava formado, seguia pintando, mas as vendas estavam num ritmo lento. Assim que ele viu meus trabalhos, me chamou em seu ateliê para saber qual era o objetivo das minhas obras. Eu disse a ele que, por meio delas, gostaria de retratar a simplicidade das pessoas, a alegria presente na periferia, desconstruindo a visão das regiões periféricas como lugar perigoso, onde só acontecem coisas ruins. Afinal, a periferia tem muita gente boa, trabalhadora e feliz e nós precisamos pintá-la de uma forma diferente. Chega de mostrar só os problemas dessas regiões, ajudando apenas a fomentar uma visão negativa já tão retratada pela mídia.

**LV – Ao considerar a forma como os noticiários, filmes e livros reproduzem a vida na periferia de forma negativa, você diria que o grafite faz um resgate dos aspectos positivos das regiões periféricas que esses meios não mostram?**

RN – Com certeza. O filme é sensacionalista, ele quer mostrar o Zé Pequeno<sup>2</sup> e não a “Dona Maria” que acorda cedo todo dia e vai trabalhar. Mas pessoas boas e ruins existem em todo o lugar e não apenas na comunidade. Então, é possível abordar as coisas de uma forma diferente, mais leve, e essa é a minha proposta. Nós não somos obrigados a ser cem por cento críticos em tudo. É óbvio que eu tenho minhas questões críticas em relação à maneira como eu vejo o mundo, mas eu não acredito que o caminho para encontrar a paz seja retratar somente a guerra e também não digo que seja não retratá-la, mas é preciso haver um equilíbrio, não isolar somente os aspectos negativos ou positivos. E eu, comigo mesmo, busco esse equilíbrio.

Eu gosto de retratar as coisas de forma lúdica, para que os outros se sintam felizes. É como a música: ela altera meu estado de consciência. Às vezes estou triste e, quando a escuto, fico feliz. Mas também é muito bom escutá-la e ficar triste, às vezes, assim como é muito bom pintar uma tela que nos leve para esses sentimentos mais profundos, porque a vida é um equilíbrio. Não é só alegria e nem só tristeza, mas eu busco retratar minhas obras sempre de uma forma alegre.

---

<sup>2</sup> Criminoso carioca da Cidade de Deus das décadas de 70 e 80 e que foi retratado no filme “Cidade de Deus”.



**LV – E qual foi a reação do Neno Ramos ao ouvir a proposta do seu trabalho de retratar a periferia de uma forma diferenciada?**

RN – Ele gostou bastante e foi apontando pontos positivos e negativos do meu trabalho. Até então eu pintava as casinhas, mas também outras histórias, envolvendo personagens. Ele me orientou a direcionar meus trabalhos num determinado caminho, criando assim uma identidade. Ele me ofereceu várias telas e eu comecei a pintar, seguindo as suas orientações. Uma vez por mês eu ia à galeria e mostrava os meus trabalhos ao Neno. Ele dizia o que estava bom e o que precisava ser melhorado. Eu voltava para casa, seguia pintando e retornava no mês seguinte. Foi assim durante um ano. Nesse período eu produzi 26 telas. Juntamos todos os meus trabalhos e os levamos à galeria da Roberta Brito. A partir de então, minhas obras começaram a ter uma repercussão maior. Eu já vendia algumas telas e realizava algumas exposições, mas ainda não ganhava o suficiente para deixar de dar aulas, por exemplo.

Foi então que o Neno começou a me apresentar a alguns de seus amigos que possuíam galeria com o intuito de fecharmos uma proposta. A Roberta Brito foi a primeira que aceitou a fechar um acordo. Propusemos uma exposição, mas, ao invés disso, ela preferiu colocar uma tela minha à venda. Então meu trabalho foi colocado à mostra lá no fundo da galeria, juntamente com obras de centenas de artistas. A tela acabou sendo vendida. Depois disso ela pediu mais duas telas para expor, depois pediu mais oito e assim seguiu. Então fui me tornando mais conhecido e participando de outras exposições.

O ano era 2014. Nesse período eu parei de dar aulas e, desde então, passei a me dedicar, exclusivamente, à Arte. Eu fui diminuindo minha carga horária em sala de aula, até parar de vez, pois, desde que comecei a expor na galeria, o volume de obras que eu produzia aumentou muito, o que foi muito bom. Participei de diversas outras exposições, aprendi muito e fui amadurecendo minha visão sobre a arte e sobre o mercado artístico. Eu fiquei três anos atuando na galeria. Hoje o que eu desejo é poder direcionar minha própria carreira, escolhendo meus projetos, fazendo acordos etc.

**LV – Na sua opinião, ainda há um preconceito muito grande em relação à forma como as pessoas veem a arte?**



RN – Sim. O grande problema é que vivemos numa sociedade carente de cultura. E a minha proposta é, justamente, buscar alcançar as pessoas simples da periferia, indo às escolas, dando palestras e colocando-as em contato com a arte. Essa conexão é extremamente importante, pois a arte é uma forma de nos comunicarmos com nós mesmos, de nos entendermos e de vermos o mundo de uma forma diferente. Eu vejo o mundo como está hoje e penso o quanto tenho de pintar mais dentro da minha proposta.

Outra questão é que, além do universo da arte em si, o mercado artístico brasileiro também sofre um preconceito muito grande. Por exemplo, quase não encontramos artistas negros expondo e vendendo suas obras. Eu participei de exposições de grande prestígio, com artistas diversos, e encontrei apenas um ou dois negros, sendo que eu era um deles. Às vezes eu vou a uma exposição, por exemplo, e quando eu entro no local percebo que algumas pessoas me olham de forma diferente. Então chega o responsável pela mostra, que me conhece, e começa a conversar comigo. A pessoa que me olhou de modo diferente, ao presenciar tal cena, se aproxima de mim e começa a conversar, pois percebeu que eu sou alguém conhecido.

Observando a minha situação hoje, eu me sinto muito privilegiado, afinal quantas pessoas têm a oportunidade que eu tive? E que hoje podem, por exemplo, dedicar um momento da noite para ler um livro? Mas devo reconhecer que cheguei aonde cheguei graças a ajuda de muitas pessoas que se identificaram com a minha história e me auxiliaram em algum aspecto.

**LV – Por meio do seu trabalho você acaba inspirando outras pessoas a seguir a mesma trajetória. Conhece muitos casos de outras pessoas da sua região que tentaram seguir carreira e não obtiveram sucesso?**

RN – Sim. Conheço várias histórias. Há muitos artistas talentosos que, infelizmente, não conseguem se destacar. Eu digo que sou alguém que teve sorte, pois faço uma arte simples que agrada as pessoas. Há muitos artistas melhores do que eu e que não têm oportunidade de mostrar seus trabalhos, ou ainda, que não se dão uma oportunidade por não acreditarem em seu potencial.

Eu tenho consciência de que as minhas obras são preciosas e de um valor gigantesco, por isso hoje seleciono cuidadosamente o que eu quero vender e como o farei. Sou consciente de que o que eu faço é bom de fato. É importante que o artista tenha essa



consciência, principalmente porque vivemos numa sociedade ainda muito preconceituosa em relação à arte, como havia dito. Numa crise, por exemplo, um dos primeiros setores a ser afetados é a cultura, pois não há uma consciência da sua importância para a população.

A cultura, juntamente com a educação, precisa ser mais valorizada. Basta pensarmos quanto uma sociedade pode se desenvolver intelectualmente a partir do investimento nestas áreas.

**LV – Você diria que o Brasil vive um retrocesso cultural?**

RN – Não sei se o termo seria retrocesso, pois a valorização cultural no Brasil ainda não aconteceu como deveria. O mercado de arte em nosso país é muito pequeno e restrito. Os brasileiros valorizam muito mais a compra de um terreno, por exemplo, do que de uma tela artística, algo que se configura como uma visão diferente do cenário estrangeiro. Não estou dizendo que os estrangeiros são mais inteligentes, apenas que o consumo de arte é muito maior em outros países, se comparados com o Brasil. No entanto, apesar da limitação do mercado artístico brasileiro, ele está se expandindo. Há pessoas que vivem disso e eu sou um exemplo. Por isso o investimento em educação e cultura é essencial.

**LV – E como você vê o futuro do cenário artístico brasileiro a partir de 2019, com esse novo governo?**

RN – Eu procuro ter uma visão positiva. Vivemos um momento de instabilidade, pois o sistema é muito esperto e conseguiu colocar alguns cidadãos brasileiros contra outros, provocando uma divisão social. Eu tenho a minha posição política e não sou obrigado a expô-la. O que eu realmente desejo é um Brasil menos desigual, com menos mortes na periferia. E para isso temos que atuar fortemente nesses lugares, é justamente nesses momentos críticos que a arte deve se manifestar.

**LV – Além das comunidades do Rio de Janeiro, você visitou outras pelo Brasil. Poderia contar um pouco mais sobre essa experiência?**

RN – Eu fui ao Rio de Janeiro com o intuito de fotografar. Já nos outros estados, fui fotografando conforme passava por determinados lugares. Uma vez fiz uma viagem de carro, de São Paulo até a Paraíba, e fui parando em todas as comunidades que via para registrar



uma foto. Não planejava nada anteriormente, apenas via algo que chamava a atenção e já fotografava. Registrei imagens de comunidades nos estados de Minas, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Também fotografei na Bolívia e no Peru. Eu viajava com o intuito de conhecer melhor esses lugares e a fotografia acabava fazendo parte da viagem. Foi uma grande experiência, afinal viajar é cultura, pois conhecemos pessoas e costumes diferentes. A arquitetura das casas foi algo que me fascinou. Tudo eu registrava e assim a pesquisa se expandia muito mais. Tenho um extenso arquivo fotográfico pessoal.

**LV – Ao longo dos seus estudos e viagens pelo Brasil e fora do país, quais características em comum percebeu nas comunidades pelas quais passou e que são retratadas em suas obras? Quais as diferenças mais marcantes?**

RN – Algo em comum que podemos identificar é a inteligência dos moradores. Pessoas como o meu pai, que veio da Bahia para São Paulo sem saber ler nem escrever e aprendeu a construir uma casa; como o pai de um amigo que faz várias invenções e aprende a partir daí; alguém que vai atuar na construção de um prédio e aprende, na prática, como é feita a estrutura para, em seguida, construir a própria moradia, entre muitos outros exemplos. A forma como os moradores, partindo da própria experiência, constroem suas casas sem orientação externa se revela uma verdadeira lição de vida. Há estrangeiros que vêm ao Brasil estudar essa questão.

Outros pontos em comum é a simplicidade, a união e a alegria das pessoas. Outro aspecto que também me chamou a atenção, ao menos nas casas de comunidades que visitei pelo país, é a presença de retratos antigos de familiares sempre à mostra na sala.

Em relação às diferenças, eu identifiquei uma arquitetura distinta nos lugares onde estive. As casas da periferia de São Paulo, por exemplo, são construídas de uma forma diferente das casas feitas nas regiões interioranas da Bahia. Quando eu fui a Bolívia, vi que as casas são construídas com vigas na horizontal, algo inexistente no Brasil. Essas diferenças nas construções, portanto, despertaram a minha curiosidade.

**LV – Por meio do seu trabalho, acredita estar contribuindo para desconstruir preconceitos das comunidades, especialmente em períodos de tanta violência e intolerância?**



RN – Sim. Um dos exemplos foi uma estrangeira que me disse uma vez, na galeria: “Vim ao Brasil com uma visão negativa das comunidades e agora, observando suas telas, vejo que é algo diferente do que eu pensava”. Outros exemplos são as crianças que acabam se encantando com a minha história. Eu costumo dar palestras em escolas e ouço delas que querem ser iguais a mim.

**LV – Como é a reação das crianças a suas obras no geral? Teve algo que te chamou a atenção?**

RN – Elas sentem que podem sonhar. Talvez este seja o meu objetivo de ir às escolas: resgatar nelas o poder de sonhar, pois muitas não têm perspectiva. Eu sou um exemplo concreto: um rapaz simples da periferia que poderia ter seguido os caminhos errados e que tinha tudo para não ser ninguém. Há vários meninos em minha situação e que, simplesmente, deixam de sonhar pela falta de condições. Por isso, nesse momento, ouvir o testemunho de alguém que superou as dificuldades e chegou aonde queria é imprescindível. Eu não estou dizendo que eu me considero um modelo de inspiração em quem as crianças devem se espelhar, pois há muitos artistas melhores do que eu. Mas, meu trabalho é algo em que realmente acredito e considero importante transmitir isso às crianças e aos jovens, pois, se você diz para um garoto de uma realidade difícil que ele será um artista, provavelmente ele não vai acreditar. Mas quando ele vê um exemplo concreto de alguém que conseguiu o que queria, ele volta a sonhar.

**LV – Em 2016, três de suas obras foram estampadas nos chinelos da marca Havaianas. Conte mais a respeito.**

RN – Certo dia eu estava visitando João Pessoa, na Paraíba, quando me perdi. Estava próximo de uma fábrica gigantesca da Havaianas. Voltei para casa pensando em pintar um par de chinelos da marca. Assim que cheguei, comprei um par de chinelos, fiz uma pintura neles e gravei um vídeo dizendo que a marca Havaianas só é o que é porque começou como um produto popular voltado às pessoas simples, assim como as casinhas retratadas em minhas obras, que são um trabalho popular que traz a vida simples da periferia.



No entanto, eu não sabia como faria para que o vídeo chegasse até a Havaianas. Então conversei com algumas pessoas da galeria onde trabalhava que poderiam enviar meu vídeo para a marca. Assim que ele foi enviado, a equipe da Havaianas assistiu, gostou, mas não me chamou para nenhuma proposta naquele momento. Após um tempo, a Havaianas estava com um projeto chamado “Retratos do Brasil”, cujo objetivo era retratar a cidade e a relação do artista com ela. Alguém da marca viu o meu vídeo e disse que eu tinha o perfil do projeto, já que as minhas obras retratam a minha relação com a cidade a partir da periferia.

Então fui chamado pela equipe da Havaianas, conversamos e eles me pediram para enviar algumas telas. Assim que enviei, foram escolhidas três, as quais seriam estampadas nos chinelos. O projeto em si aconteceu durante um ano, mas como as imagens também teriam outros propósitos, compraram o direito de imagem por três anos.

A venda dos chinelos estampados com minhas obras foi um sucesso, de modo que nem a própria Havaianas esperava tamanha repercussão. Era um projeto pequeno que tomou uma proporção inesperada, graças às pessoas que se empenharam e acreditaram nele. O sucesso foi tamanho que a venda de chinelos aconteceu não somente em todo o Brasil, como se expandiu pelos países da América do Sul e da Europa.



**LV – Você chegou a ir para a Europa devido ao sucesso dos chinelos com suas pinturas. Conte sobre essa experiência.**

RN – Uma representante da Havaianas na Europa viu o sucesso do projeto e decidiu bancar minha viagem para alguns países europeus, com direito a intérprete, pois eu não falo inglês.



Fui muito bem acolhido. Pessoas de oito países vieram falar comigo. Dei entrevistas, inclusive num programa de TV alemã. Antes de ir a Europa, a equipe do programa veio ao Brasil e eu a levei ao Grajaú. Acredito que a partir daí eles tiveram melhor conhecimento do meu trabalho. Eu tinha um cronograma de entrevistas, pintava em algumas lojas e tinha alguns dias para descansar e conhecer as cidades europeias. Ao final fui para a Irlanda, por conta própria, para fazer contato com galerias de arte, pois tenho um primo que mora lá. Mas mesmo nesta última viagem, a equipe da Havaianas se comprometeu comigo.

**LV – Durante a sua viagem ao exterior, você percebeu um interesse muito grande dos europeus pelas comunidades do Brasil?**

RN – Sim, há um interesse pelas comunidades brasileiras, porém baseado numa visão negativa a respeito. Muitos já questionam sobre a vida na periferia com uma pergunta quase pronta em relação à ideia de miséria e de violência. Algumas pessoas me viam como o *bad boy* da periferia, o artista que ascendeu na vida. Porém eu não sou *bad boy* e sim uma pessoa simples que precisa trabalhar muito. Vários entrevistadores vinham com imagens construídas e eu fui fazendo toda uma desconstrução da visão negativa que eles possuíam a respeito. Eles me perguntavam como é enfrentar as dificuldades de viver no mesmo local onde o traficante mora, e eu, simplesmente, respondia que não havia dificuldade alguma. Cresci brincando na rua.

Portanto, muitos entrevistadores sempre buscavam direcionar as perguntas em defesa de um Brasil, cuja realidade é sempre difícil e cruel. Eles possuem uma visão ainda muito arcaica do país. E eu busco desconstruir essa imagem; pois, embora existam realidades difíceis, o país não pode ser definido apenas por isso. É possível sonhar e realizar esses sonhos. Também há muitas pessoas boas no Brasil. Outra questão que me incomodou foi a forma como eles me chamavam: o artista da periferia. No entanto, eu me considero um artista como qualquer outro, independentemente de onde seja. O fato de eu vir da periferia não significa que não posso ser tão bom quanto o artista de Londres, por exemplo. É preciso parar com esses rótulos.

O artista é do mundo, não precisa ter um local definido. Há um escritor chamado Adenildo, quem eu admiro muito, que diz exatamente isso. Ele não se considera um escritor da periferia, mas do mundo. E é assim que eu me vejo, um artista do mundo. Moro na



periferia e pinto traços dela porque assim desejo. Mas isso não me torna um artista menor do que outro residente no centro, por exemplo.

São, exatamente, essas questões que abordo em minhas palestras nas escolas, com o intuito de incentivar os alunos a acreditarem neles mesmos, cientes de que eles têm o potencial para realizarem seus sonhos.

**LV – Em relação às crianças e adolescentes que têm dificuldades até mesmo de sonhar, pois não veem um futuro promissor, há uma influência dos pais a respeito, dada as dificuldades em que estão?**

RN – Sim, diante das dificuldades enfrentadas, muitos pais acabam incutindo na cabeça dos filhos que eles serão empregados e jamais chefes. Essa é uma visão muito difícil de ser desconstruída. Pois o fato de alguém nascer e crescer na periferia não significa que não poderá ascender profissionalmente. Eu sou um exemplo disso. O fato de eu nunca ter ido aos EUA, por exemplo, não me torna uma pessoa menos capacitada do que alguém que já foi. Também há esse preconceito em relação ao Brasil, como se tudo que pertence aos países desenvolvidos fosse melhor do que o que existe em nosso país.

**LV – Qual foi sua obra de maior repercussão?**

RN – A tela **Sonho de Senna** que traz a imagem de uma criança brincando com um carrinho de Fórmula 1. Essa tela foi para um leilão em Mônaco, onde foi arrematada por dezesseis mil reais. Esse trabalho teve grande destaque e eu cheguei a receber uma carta da pessoa responsável pelo leilão, agradecendo a doação da tela. Eu não esperava que o trabalho fosse vendido; me perguntaram se eu não gostaria de receber metade do valor, mas neguei e doei tudo para o Instituto Ayrton Senna. As telas estampadas nos chinelos da Havaianas também tiveram destaque. Duas foram vendidas e uma está comigo.



**Figura 7**  
Sonho de Senna

**LV – Ao observar o Ricardo Negro hoje e o Ricardo Negro no começo da carreira, o quanto você diria que se desenvolveu ao longo desse período?**

RN – Eu me considero uma pessoa em constante construção, a minha essência é a mesma: alguém que deseja melhorar sempre como ser humano. Busco, constantemente, me aprimorar, crescer e sou muito grato à Arte que me proporciona tudo isso.

**LV – Gostaria de deixar uma mensagem aos leitores?**

RN – Sim. Eu gostaria de dizer a todos para acreditarem nos seus sonhos, independentemente das dificuldades. Mesmo que surjam os obstáculos, o segredo para fazer as coisas acontecerem é estar em constante movimento. Não existe mágica. Todos os grandes



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 23

DEZEMBRO / 2018

ISSN 2177-2789

---

artistas, músicos e produtores trabalharam e se empenharam muito até chegar aonde chegaram.

Mariana da Cruz Mascarenhas<sup>i</sup>

---

<sup>i</sup> Mestra em Ciências Humanas, especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior e em Comunicação Empresarial, graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo. Assessora de Comunicação e membro do Centro de Estudos Imagéticos CONDES-FOTÓS Imago Lab da JackBran Consult.